

# CAPÍTULO 1

## REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO DOCENTE DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Data de aceite: 05/07/2021

### Ricardo Bitencourt

IF Sertão-PE - campus Petrolina  
Petrolina - Pernambuco  
<http://lattes.cnpq.br/1889161019271419>

### Esdriane Cabral Viana

IFBA-campus Paulo Afonso  
Paulo Afonso – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/0998545494817377>

### Pascoal Eron Santos de Souza

UNEB – CAMPUS VII  
Senhor do Bonfim – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/0379627655215398>

### Dinani Amorim

UNEB – CAMPUS III  
Juazeiro – Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/8385032726747642>

### Ricardo Amorim

UNEB - CAMPUS VII  
Senhor do Bonfim - Bahia  
<http://lattes.cnpq.br/9691074016850705>

**RESUMO:** Os vírus estão neste planeta há muito mais tempo do que os seres humanos. Entretanto, as pandemias virais possuem conexão direta com o nosso comportamento e com os desequilíbrios que são provocados no meio ambiente. Episódios como o da peste negra, gripe espanhola e agora a COVID-19 nos desafiam a repensar todos os modos de produção, consumo, formas de relacionamento e padrões de funcionamento das instituições com os quais estávamos acostumados. Neste sentido, apresentamos neste texto aspectos relacionados à reorganização da

educação para desenvolvimento de processos de ensino no contexto da pandemia da COVID-19. Os espaços escolares tradicionais sempre se basearam nos encontros e trocas como estratégias formativas; porém, essas têm sido excluídas do processo de ensino e aprendizagem justamente pela necessidade do isolamento e distanciamento social como alternativa para evitar a propagação do vírus. O recorte desse momento nos revela uma transição abrupta do ensino presencial, consolidado como prática recorrente na escola desde o surgimento desta instituição, para o digital ou híbrido que, contemporaneamente, parece ter surpreendido até os já habituados com ambientes virtuais construídos por meio do uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Embora as TIC já venham sendo utilizadas em diversos processos da vida cotidiana desde o final do século XX, com acentuada expansão nestas primeiras décadas do século XXI, durante este momento de pandemia, a realidade prática tem revelado que, mesmo numa sociedade hiperconectada, o acesso a dispositivos e à internet com qualidade ainda é algo distante para professores e alunos, sobretudo em países emergentes. A questão se torna ainda mais complexa quando se une às dificuldades de construção do fazer didático em um contexto emergencial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia. Trabalho docente. Tecnologia Educacional.

### REFLECTIONS ON TEACHING WORK DURING COVID-19 PANDEMIC

**ABSTRACT:** Viruses have been on this planet much longer than humans. However, viral pandemics have a direct connection with our behavior and with the imbalances that are caused in the environment. Episodes such as the black plague, Spanish flu and now COVID-19 challenge

us to rethink all modes of production, consumption, forms of relationship and patterns of functioning of the institutions with which we were accustomed. In this sense, we present in this text aspects related to the reorganization of education for the development of teaching processes in the context of the COVID-19 pandemic. Traditional school spaces have always been based on meetings and exchanges as formative strategies; however, these have been excluded from the teaching and learning process precisely because of the need for isolation and social distancing as an alternative to prevent the spread of the virus. The clipping of this moment reveals an abrupt transition from face-to-face teaching, consolidated as a recurring practice in school since the emergence of this institution, to the digital or hybrid that, at the same time, seems to have surprised even those already accustomed to virtual environments built through the use of Information and Communication Technologies (ICT). Although ICT has been used in various processes of everyday life since the end of the 20th century, with marked expansion in these first decades of the 21st century, during this moment of pandemic, the practical reality has revealed that, even in a hyperconnected society, access to quality devices and the internet is still something distant for teachers and students, especially in emerging countries. The issue becomes even more complex when it joins the difficulties of constructing didactic work in an emergency context.

**KEYWORDS:** Pandemic. Teaching work. Educational Technology.

## O DIA EM QUE A TERRA PAROU

No final dos anos 70, Raul Seixas, um renomado cantor e compositor brasileiro, lançou uma canção intitulada “O dia em que a terra parou”. A letra da música não explica exatamente o que fez o mundo parar, mas menciona a situação repentina de isolamento social pelo enclausuramento das pessoas em suas casas. A reorganização da vida cotidiana provocada pela pandemia por COVID-19, neste ano de 2020, tornou real o elemento central daquela composição: uma parada brusca no ritmo frenético e acelerado da forma como está organizada a sociedade contemporânea. A experiência real da pandemia nos abre diversas possibilidades de reflexão, não apenas sobre aspectos da vida cotidiana, mas, sobretudo, sobre a própria vida como a concebemos.

Em termos bioecológicos, o ser humano é a única espécie que altera o ambiente para atender aos próprios anseios, que, por sua vez, vão muito além da mera satisfação das necessidades básicas de sobrevivência. Nenhum ser vivo é tão danoso para os ecossistemas quanto o *Homo sapiens*. “Sua busca constante por controle da natureza e seus recursos expõe a própria espécie a inúmeras doenças; principalmente por provocar alterações nos padrões que regulam a dinâmica da interação das espécies entre si e com os próprios humanos. Por exemplo, morcegos, reservatórios de vírus, como o coronavírus, podem invadir áreas urbanas. Insetos nocivos e transmissores de doenças também” (DIAS-LIMA, 2020, p. 51). Embora os estudos que tentam explicar a origem da pandemia por COVID-19 ainda estejam em andamento, há indícios de que as relações predatórias do *Homo sapiens* com outras espécies tenham contribuído para as primeiras contaminações.

O primeiro surto de infecções foi registrado na cidade de Wuhan, na China. No segundo semestre de 2019, aquilo que parecia ser um caso controlado e restrito a determinada região chinesa, rapidamente se espalhou por outros países, vindo a se tornar a pandemia que praticamente parou o planeta já na primeira metade de 2020. A Organização

Mundial de Saúde (OMS) fez o alerta global para o problema, considerando o aprendizado da entidade frente a outros episódios de emergência de saúde pública de interesse global como nos casos do ebola (2018 e 2016), zika vírus (2016), poliomielite (2014) e gripe suína, H1N1 (2009) e também com os problemas derivados de epidemias que surgiram no século XXI como gripe aviária, síndrome respiratória do oriente médio (MERS) e síndrome respiratória aguda grave (SARS) (SENHORAS, 2020).

Em vários países a doença se espalhou numa velocidade muito grande, colapsando os serviços de saúde até de nações ricas como Inglaterra, Itália e Estados Unidos. Para minimizar a ampliação do número de casos, a OMS passou a recomendar fechamento de serviços não essenciais, higienização das mãos com água e sabão ou álcool 70° (líquido ou em gel), uso de máscaras e distanciamento social. Por conta disso, escolas, empresas, comércio, eventos esportivos, entre eles as olímpíadas, previstas para ocorrer no Japão em 2020, foram suspensas para evitar o contato entre as pessoas e, consequentemente, a expansão da doença. Em outras palavras, a estratégia mais adequada naquele momento, para combater a propagação do vírus, era o isolamento social.

Ficar em casa (ou em quarentena) a princípio pode ter sido pensado como uma solução simples. Entretanto, mostrou-se como algo complexo para um grande número de pessoas. Afinal, trabalho, lazer, atividades diversas do cotidiano, tiveram que ser adaptadas para o contexto doméstico; ficaram restritas ao espaço das residências das pessoas. Esta situação acabou escancarando desigualdades sociais até então negligenciadas pelo poder público. Na área da educação, as condições de acesso aos mecanismos e estratégias de enfrentamento à pandemia e reorganização das atividades educativas acentuaram as já indecentes diferenças sociais. Neste sentido, “as dificuldades enfrentadas pelos alunos de escolas públicas não podem ser resumidas à questão de acesso à internet. Os alunos mais carentes, que não podem desfrutar da merenda escolar, estão passando fome” (SARAIVA; TRAVESINI; LOCKMANN, 2020).

O Brasil não teve uma coordenação nacional para o enfrentamento da crise e isso refletiu na inexistência de ações articuladas. Negacionismo, polarização política, medidas e informações oficiais truncadas levaram o país a estar entre os primeiros do mundo em número de contaminados e de mortos. As notícias falsas sobre a pandemia conseguiam se espalhar e atingir todas as classes sociais numa velocidade maior que a própria pandemia (SOUZA JÚNIOR, et al; ALMEIDA, et al, 2020). Desta forma, mensagens eram repassadas a todo momento levando desinformações que iam de tratamentos milagrosos, passando pela negação da existência da doença, sempre embasadas em teorias da conspiração.

Apenas no início do segundo semestre de 2020, os questionamentos sobre a educação começaram a tomar forma oficialmente. Na ponta, a comunidade escolar se envolveu em ações como a distribuição de recurso ou alimento para os alunos mais vulneráveis e a realização de atividades com fins formativos sobre temas diversos, principalmente por meio de *lives*. Nesse mesmo contexto, milhares de educadores viveram em meses o que levariam anos para se adaptar no contexto escolar. Temas como ensino híbrido, metodologias ativas, gamificação e técnicas/ferramentas como gravação de vídeo, Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), Zoom, Google Meet, Teams, Kahoot que até então não apareciam na rotina dos profissionais da educação, passaram a ser artigo de primeira necessidade, mas com o desafio de utilizá-las sem qualquer treinamento ou

expertise. Além disso, a falta de familiaridade com todas as ferramentas digitais soma-se à insistência de muitos docentes em tentar “replicar, sem êxito, as suas estratégias de ensino presenciais, sem considerar os desafios e oportunidades distintos criados pelo ensino online” (DOS SANTOS, 2020, p. 4).

## A ESCOLA NÃO PODE PARAR

Certamente a função social da escola não se concretiza apenas por meio de atividades de ensino. Mas o funcionamento de ações voltadas para o ato de ensinar se constituíram, durante a pandemia, como um sinal de que as instituições escolares não estavam paradas. Na verdade, houve cobranças por parte de governos e sociedade em geral para que docentes pudessem garantir o ensino, ainda que remotamente. Apesar de no Brasil não “haver preocupação em prover condições mínimas de infraestrutura na rede pública de ensino” (SARMENTO, VILLAROUCO, GOMES, 2020 p. 367), o desafio estava posto: organizar o trabalho pedagógico, ressignificando tempo e espaço para ensino, sem o contato pessoal e direto entre os sujeitos.

Neste contexto, as ferramentas tecnológicas digitais para comunicação e informação tiveram um papel crucial para superação das limitações impostas pelo isolamento social em relação ao funcionamento das escolas. As principais alternativas encontradas para o desenvolvimento de atividades de ensino durante a pandemia da COVID-19 contaram com o uso de tais ferramentas.

Em um curto intervalo de tempo, a comunidade escolar teve que se familiarizar com o manejo de recursos tecnológicos que, até então, eram pouco conhecidos no meio escolar, reforçando a necessidade de novas abordagens para uma educação centrada no estudante (SARMENTO, VILLAROUCO, GOMES, 2020).

“Eu acho que seu microfone está desligado”, talvez, tenha sido a frase mais dita por todos que tiveram que viver experiências com videoconferências durante a pandemia. A incerteza ou a inabilidade na utilização das tecnologias encontraram eco na tentativa de muitas escolas em transpor, de modo simplista, o modelo das aulas presenciais para uma plataforma online.

A Educação à Distância (EaD), outrora uma modalidade de ensino por muitos marginalizada e taxada como desqualificada, passou a ocupar os holofotes como solução para a manutenção de alguma atividade educativa com o distanciamento necessário nesse momento de pandemia. Essa inovação superou a ideia estática de uma necessidade da existência de um AVA e passou a acontecer em diversos espaços, como redes sociais, grupos em mensageiros e videoconferência (DOS SANTOS, 2020).

A ampliação no uso das TIC quebra barreiras geográficas e permite o surgimento de uma nova cultura digital, causando significativas mudanças no contexto social. Isso faz com que surja posição crítica em relação às tecnologias e revisão das formas tradicionais de ensino. A busca por capacitação por parte dos profissionais de educação se intensificou em alguns casos, tendo em vista que os docentes precisaram fazer uso de metodologias, ferramentas e tecnologias que não necessariamente eram usadas anteriormente.

O resultado disso foram profissionais esgotados e trabalhando quase que

integralmente para produzir conteúdo, fazendo coro com alunos igualmente enfadados em ter que estar vidrados em uma tela; agora não mais apenas para papear, compartilhar fotos ou utilizar games. O mundo digital passou a fazer parte de forma expressiva do cotidiano de todos os membros da família.

Fica evidente que apenas aplicar ou fazer funcionar os recursos tecnológicos não é suficiente para garantir a efetividade das ações de ensino. É necessário uma “apropriação criativa dos meios tecnológicos de produção de informação, acompanhado de um forte repensar dos valores, práticas e modos de ser, pensar e agir da sociedade, o que implica na efetiva possibilidade de transformação social” (PRETTO; SILVEIRA, 2008 p.82).

Com a pandemia ainda em curso, não é tão simples avaliar a aprendizagem que, por ventura, esteja sendo consolidada por meio da utilização de recursos tecnológicos e através das abordagens pedagógicas que foram abruptamente inseridas na organização do trabalho docente. Antever o efeito disso não é uma tarefa fácil. Contudo, certamente será necessário repensar os processos de formação docente levando-se em consideração os elementos da cultura digital, suas influências nos modos de organização da sociedade contemporânea e, sobretudo, o papel do professor neste novo tempo.

Há uma pressão crescente sobre os profissionais da educação para tornar sempre mais efetivo o trabalho da escola neste momento de pandemia. Sem qualquer adicional financeiro, docentes passaram a financiar luz e equipamentos; ampliar a rede de internet e ar condicionado de suas próprias residências para atender às necessidades do momento. Diferentemente dos auxílios digitais, que em alguns casos foram disponibilizados para os alunos, em relação às despesas do docente, não aconteceu o mesmo.

O *home office* ou teletrabalho passou a ser uma realidade vivida pelos professores, sem que tenha havido qualquer preparo anterior. Além disso, os trabalhadores da educação correram grande risco de isolamento decorrente da perda do contato direto com seus colegas, menor criatividade, afastamento do meio social que integra o mundo do trabalho, além das extensas jornadas de trabalho em casa (FERREIRA, 2018).

Professores que não possuíam qualquer experiência ou formação, em relação às TIC, se viram obrigados a produzir, gravar e divulgar conteúdos nas mais variadas plataformas digitais. No entanto, o ensino mediado por ferramentas tecnológicas envolve questões mais complexas do que a mera manipulação de ferramentas. Na verdade, reflete muito a necessidade de um processo de fluência digital ou alfabetização tecnológica, que remete mais que a utilização de um dispositivo e passa a ser um espaço onde o sujeito marca seu lugar no mundo (seja online ou offline) (SAMPAIO; LEITE, 1999). Assim, exige-se muito mais que a utilização dos dispositivos, passando para a necessidade de uma composição simbólica de novos sentidos (LIMA JÚNIOR, 2005).

É salutar que sejam criadas políticas públicas direcionadas para Educação, no momento pós-pandêmico na volta às aulas de forma presencial. Conforme a Unesco, a natural queda na aprendizagem poderá alastrar-se por mais de uma década se não forem criadas políticas públicas que invistam em melhorias de infraestrutura, tecnologias, formação, metodologias e salários, além do reforço da merenda, melhor aproveitamento do tempo, tutoria fora do horário usual das aulas e material adicional, quando possível (UNESCO, 2020).

Pensar na EAD como uma estrutura de referência para o contexto poderia ser um caminho. No entanto, percebeu-se nesse processo uma situação inusitada. Apesar de estarmos distantes, não estávamos, tecnicamente, ofertando um ensino à distância. Para Moore e Kearsley (2013, p. 3), “educação à distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização institucional especial”. Mattar (2011, p.3), também corrobora com este pensamento quando define “EAD como uma modalidade de educação, planejada por docentes ou instituições, em que professores e alunos estão separados espacialmente e diversas tecnologias de comunicação são utilizadas”

As soluções encontradas pelos docentes, mesmo que não organizadamente, foram um mix de soluções para o momento específico, que passaram por cima de dicotomias antigas como presencial x distância, tradicional x contemporâneo e, de certo modo, foram engolidas pela urgência de se fazer entendidos e de poder chegar aos lares dos alunos. Burocraticamente, as soluções foram encontradas. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) emitiu a portaria nº 343/2020, que passou a “permitir a substituição das aulas presenciais nas instituições de ensino do país, por aulas que favoreçam os meios e as tecnologias de informação e comunicação” (BARBOSA; VIEGAS; BATISTA, 2020, p. 257).

As instituições brasileiras buscaram caminhos através do “uso das ferramentas digitais, mas sem terem o tempo hábil para testá-las ou capacitar o corpo docente e técnico-administrativo para utilizá-las corretamente” (DIAS; PINTO, 2020, p.546). Assim, as ações buscaram garantir o cumprimento mínimo do planejamento outrora realizado para as atividades presenciais, minimizando os danos causados pela suspensão das atividades, mas sem considerar um replanejamento para EAD.

Apesar da EaD constituir-se por ações metodológicas de ensino desenvolvidas remotamente, existem divergências entre a EaD e a atividade remota. Costa (2020) alude que o ensino remoto praticado atualmente assemelha-se à EAD no que se refere a uma educação mediada pela tecnologia. Porém, indica que os princípios seguem sendo os mesmos da educação presencial. O que se viu, na prática, foi a materialização de um ensino remoto de emergência com as mudanças ocorridas por circunstância da crise (HODGES et al, 2020).

Pensando de forma mais ampla, não é possível encontrar uma solução geral para o momento. Como não é possível pensarmos em um sistema educacional único, uma vez que a União, Estados e Municípios possuem suas obrigações e autonomias, nos resta refletir sobre os processos que cada parte desse complexo possa ter enfrentado. Para Colello (2020, p. 2) “sem tempo hábil de planejamento para ações na nova conjuntura, pais, professores e alunos se viram na condição de lidar com uma drástica ruptura. uma ruptura que merece ser pensada a partir de diferentes variáveis”.

Em se tratando das aulas, de modo geral, se está bastante atrelado à ideia de que se deve transmitir os conteúdos e que estes constituem-se como o elemento central no processo de ensino. A pandemia revelou que o ensino ainda está muito vinculado a abordagens conteudistas de viés quantitativista. Quando a ênfase do ensino está na dimensão quantitativa, tanto em termos de conteúdos como do processo educativo, há certa

dificuldade em delimitar o que será abordado, porque gera-se uma incerteza a respeito da construção ou não, naquele determinado espaço de tempo, do conhecimento por parte dos estudantes. A escolha do que (conteúdo) e como trabalhar (metodologia), sempre é um contratempo, tendo em vista que nunca haverá a garantia de pleno acerto tanto no tema (conteúdo ou aspecto dele) como no método (dimensão metodológica). Isso é perfeitamente comprehensível. Se nas aulas presenciais, tende-se a incertezas em relação ao modo e ao que se está trabalhando, com as atividades remotas, essas inquietações são potencializadas (CASTAMAN; RODRIGUES, 2020).

A suspensão das atividades escolares envolve elementos mais complexos do que o não acesso a conteúdos curriculares, trabalhados nas ações de ensino. Para além dessas questões, o convívio cotidiano com colegas nas escolas, as ações extracurriculares definidas no calendário das escolas, a rotina do preparo e distribuição da merenda, as atividades esportivas, os ritos sociais de passagem como as formaturas, foram cancelados. A suspensão das atividades escolares envolve elementos mais complexos do que o não acesso aos conteúdos curriculares trabalhados pelas ações de ensino. Estas também são questões que precisam ser discutidas, já que, embora não sejam vistas como elementos constituintes dos processos de ensino, têm forte contribuição na formação integral dos sujeitos.

## O QUE NOS ESPERA NO PÓS-PANDEMIA

Dificilmente sairemos desse evento sem nos sentirmos provocados a repensar a vida em todas suas dimensões. O dilema vivido por todos os trabalhadores (espera-se) poderá despertar nossas críticas sobre as relações de trabalho, família e, especialmente, o papel do Estado. Na educação, alguns pontos são importantes de serem tratados.

No período da pandemia, a Educação ganhou visibilidade especialmente quanto ao questionamento às formas tradicionais de ensino. Apesar dos questionamentos que não são tão novos, como atenção, engajamento, inclusão e avaliação, nunca no processo formal de ensino, tivemos tantas atividades online e com formas não tradicionais de ensinar. O que se revelou, na prática, foi a necessidade da existência de processos de ensino e aprendizagem fluidos que evidenciem a escola como o lugar da ciência frente ao universo de informações tão complexas e difusas.

A quantidade de atividades online realizadas mostrou a necessidade do estabelecimento de um equilíbrio na atuação docente para que se evite sobrecargas. Como não há mais o “lugar de trabalho”, no caso a escola, muitos profissionais receberam demandas sem qualquer tipo de limite: Lives tomando muito mais tempo que as atividades presenciais, sensação de obrigação de ficar conectado o dia inteiro, presença constante em grupos de whatsapp e demandas inseridas sem qualquer tipo de respeito ao horário de trabalho. Essa rotina favoreceu o adoecimento de muitos profissionais, acendendo um alerta para a importância do cuidado em saúde mental.

O distanciamento social e as aulas em casa fizeram com que a família pudesse acompanhar mais de perto um pouco da realidade escolar e a importância da atuação do professor como mediador pedagógico. No mesmo sentido, a necessidade de se produzir

material e gerar engajamento através das TICs mostraram a importância da formação continuada para os profissionais no desenvolvimento de soluções para o cotidiano escolar.

Por fim, foi possível perceber que o acesso a ferramentas tecnológicas não garante uma boa qualidade de ensino, porém, sem ele não poderíamos ter alguma estratégia em tão pouco tempo para realizar atividades durante a pandemia. Além disso, evidenciou-se que alguns elementos são vitais para o processo educativo, como os espaços coletivos de convivência, o contato social, as percepções sensoriais, o conflito etc. Dessa forma, um caminho que une esses potenciais poderia ser bastante fértil para uma educação do futuro, num processo estrategicamente híbrido

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A., DE ALMEIDA, A., SOUSA, M. P. L., DE SOUSA, M. P. V., LIBERATO, L. C., DA SILVA, C. R. L., ... & PINTO, A. G. A. (2020). Como as fake news prejudicam a população em tempos de Pandemia Covid-19?: Revisão narrativa. Vol 6, n. 8 **Brazilian Journal of Development**, 2020.

BARBOSA, A. M.; VIEGAS, M. A. S.; BATISTA, R. L. N. F. F. Aulas presenciais em tempos de pandemia: relatos de experiências de professores do nível superior sobre as aulas remotas. **Revista Augustus**, v. 25, n. 51, p. 255- 280, 2020. <https://doi.org/10.15202/1981896.2020v25n51p25>

CASTAMAN, A.S.; RODRIGUES, R. A. (2020). Educação a distância na crise COVID-19: um relato de experiência. **Research, Society and Development**, 9, (6), DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i6.36991>.

COLELLO, S. M. G. Alfabetização em tempos de pandemia. **Convenit Internacional**, n. 35. São Paulo: CEMOrOc-FEUSP, jan-abr, 2020. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit35/Silvia.pdf>

COSTA, R. Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD. Recuperado em 14 de abril, 2020, <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto/>.

DIAS, E.; PINTO, F. C. F. Educação e sociedade. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 104, p. 449-454, set. 2019. <https://doi.org/10.1590/s0104-40362019002701041>.

DIAS-LIMA, A. O mundo dos vírus e o vírus do mundo. In.: MARQUES, Juracy. DIAS-LIMA, A. (org.). **Ecologia humana & pandemias: .consequências da COVID-19 para o nosso futuro**. [recurso eletrônico]. prefácio: Fernando Carvalho. - Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020.

DOS SANTOS, H. M. R. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspetivas dos docentes portugueses. Vol 15, pp 1-17. **Práxis Educativa**, 2020.

FERREIRA, J. P.; OLIVEIRA, R. M. D. S. R. O teletrabalho no contexto da educação à distância. vol. 1, **Multifaces: Revista de Ciência, Tecnologia e Educação**, 2018.

HODGES, C; LOCKEE, S; TRUST, B; BOND, A. The difference between emergency remote teaching and online learning. **EDUCAUSE Review**. Disponível em: <[cencurtador.com.br/fNW03](http://cencurtador.com.br/fNW03)>. Acesso em 29 Set. 2020.

LIMA JUNIOR, A. S. **Curriculum hipertextual**. Rio de Janeiro: Quartet/FUNDESF, 2005.

MATTAR, J. **Guia de Educação a Distância**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

MOORE, Michael G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line**. 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

ORTIZ, A. I.; MEZA, M. J. A. La destrucción de los ecosistemas como paradigma de la civilización moderna: recogiendo frutos. In.: MARQUES, J.; DIAS-LIMA, A. (org.). **Ecología humana & pandemias: consequências da COVID-19 para o nosso futuro**. [recurso eletrônico]. prefácio: Fernando Carvalho. Paulo Afonso, BA: SABEH, 2020.

PRETTO, N.L.; SILVEIRA, S. A. (Org). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SAMPAIO, M. M; LEITE, L. S. **Alfabetização tecnológica do professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SARAIVA, K; TRAVERSINI, C; LOCKMANN, K. A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. Vol. 15. **Práxis Educativa**, 2020.

SARMENTO, T. S; VILLAROUCO, V; GOMES, A. S. Arranjos espaciais e especificações técnicas para ambientes de aprendizagem adequados a práticas educacionais com blended learning. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 365-390, jan./mar. 2020.

SENHORAS, E. M. Coronavírus e o papel das pandemias na história humana. Vol. 1. ed. 1 **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, 2020.

SOUZA JÚNIOR, J. H.; RAASCH, M.; SOARES, J. C.; RIBEIRO, L. V. H. A. S. “Da desinformação ao caos: uma análise das fake news frente à pandemia do coronavírus (COVID-19) no Brasil”. vol. 13, n. 2, **Cadernos de Prospecção**, 2020.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a COVID-19**. Paris: Unesco, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das>. Acesso em: 01 out. 2020.